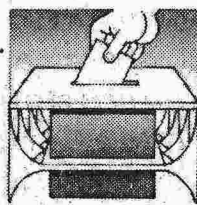


Entre grandes números e pobreza absoluta

Os indicadores econômicos do Brasil de hoje assustam. Em dezembro, uma inflação recorde deve chegar a 1.634% ao ano. Na análise de alguns economistas



porém, esses mesmos números, vistos por outros ângulos, podem trazer certeza de que o País entrará numa nova fase de prosperidade

Como um paciente que alterna súbitas recaídas com momentos de franca recuperação, o Brasil tem, em 1989, indicadores econômicos que, dependendo da forma como são analisados, tanto podem dar razão para o pessimismo ou para a certeza de que o País entrará numa fase de prosperidade. A grande vantagem desses indicadores é que todas as razões para o pessimismo estão no curto prazo.

BOATO DE RUA

"O Brasil vive hoje uma situação curiosa", analisa o economista Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque, diretor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. "Nunca o País teve condições tão favoráveis para dar seu grande salto de crescimento, mas, ao mesmo tempo, seu futuro imediato depende em grande parte de um simples boato de rua." O boato de rua a que Albuquerque se refere é um desses fenômenos que nem sempre encontram explicações nos manuais de economia e que, segundo os especialistas no assunto, poderiam detonar a hiperinflação, uma disparada tão incontrolável da alta de preços que todas as regras da economia deixariam de funcionar.

Situações capazes de gerar perplexidade tanto nos economistas como no cidadão médio não faltaram, por exemplo, em 1989. A inflação deve bater, em dezembro, nos 1.634% anuais, um recorde histórico. Apesar disso, o País terá crescido. O Produto Interno Bruto (PIB) — termômetro estatístico usado para medir o volume da produção de bens e serviços de um país — será 2% maior que o de 1988. Não chega a ser um grande resultado, mas é seguramente melhor que o de 1983, quando o PIB caiu 2,8% em relação ao ano anterior. Ou seja, em 1983 a economia brasileira encolheu e no ano seguinte o País se tornou insolvente perante os credores internacionais.

Houve setores da economia que registraram desempenhos soberbos em 1989. A produção agrícola de grãos bateu um novo recorde e deve chegar às 75 milhões de toneladas na conta final da safra. O País simplesmente dobrou sua produção no campo nos últimos dez anos. A taxa de desemprego continuou baixa pelo terceiro ano consecutivo e as indústrias produziram em ritmo ainda acelerado.

Nenhum outro setor da economia, porém, teve um desempenho tão exuberante como o das exportações. Os números da balança comercial atingem cifras que reforçam e consolidam a derrubada de um mito consagrado — e também constrangedor entre os brasileiros: o de que o Brasil é mau competidor no mercado internacional por produzir bens de qualidade inferior. Este ano, a diferença entre as exportações e as importações devem chegar aos 16 bilhões de dólares, número pouco menor que o do ano passado, quando o saldo da balança comercial foi de 19 bilhões de dólares. "As exportações viraram o grande negócio brasileiro", diz o empresário Francisco Gross, ex-presidente do Banco Central e atual presidente da Aracruz Celulose, empresa recentemente privatizada pelo governo, no Rio de Janeiro.

COMPETIÇÃO

Em 1960, menos de 30 anos atrás, o Brasil exportava apenas 1,2 bilhão de dólares por ano, volume que o País exporta hoje em menos de duas semanas. Mais importante que a quantidade das exportações é o tipo de produto que o País vende ao Exterior. Em 1960, o café em grão era o principal produto exportador e correspondia a 56% de todas as vendas ao Exterior. O País não exportava praticamente nenhum centavo de dólar em produtos manufaturados.

Em 1988, pela primeira vez na história do comércio exterior brasileiro, o café perdeu a liderança para os produtos manufaturados. Hoje, só 6,7% das

todas as condições de construir uma economia moderna, com uma sociedade mais justa." Fritsch faz parte de uma equipe de 26 especialistas que, coorde-

governo fisiológico, uma inflação em disparada e baixos índices de investimento. Sob o ponto de vista histórico, no entanto, o Brasil é quase uma potência mundial, que passa por uma crise temporária.

"O Brasil é um país que faz tudo mais rápido que os outros", acrescenta Guilherme. "O que esse país fez entre 1960 e 1980 é sem paralelo na História." Nessas duas décadas, o País passou por um acelerado processo de urbanização, que os países europeus, por exemplo, levaram meio século para concluir. "A Inglaterra levou 40 anos para fazer sua transformação ocupacional, que é tirar a maioria de sua população da agricultura e colocar na indústria, enquanto o Brasil fez isso em apenas 20 anos", observa Guilherme. "Esses últimos 30 anos produziram uma grande e saudável desordem na economia do País, mas a base para o crescimento está pronta."

Entre as façanhas que sociólogos, economistas e demógrafos costumam apontar no desempenho brasileiro recente está, por exemplo, a desativação da bomba populacional. No começo da década de 70, as previsões da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), eram catastróficas. Por elas, o Brasil caminhava para a explosão demográfica por volta do ano 2000. "Isso tornava quase impossível a tarefa de planejar o País", explica o demógrafo Paulo Paiva, pesquisador do Centro de Estudos Demográficos da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar).

Por essa projeção, O Brasil chegaria ao ano 2000 com 201 milhões de habitantes. A população crescerá, em média, 2,5% ao ano. Os números atuais, no entanto, mostram que a curva mudou de rumo. "Houve uma grande queda na taxa de fecundidade no Brasil, graças aos contraceptivos e aos programas de planejamento familiar", diz Paiva. "Hoje estamos na direção de uma população quase estável por volta do ano 2000."

Essa mudança no comportamento do crescimento populacional é conhecida como "transição demográfica". As últimas estatísticas do IBGE mostram que a população brasileira está crescendo 1,8% ao ano e deve chegar ao ano 2000 com uma taxa menor ainda: 1,5%. "A sociedade brasileira está vivendo uma oportunidade inigualável para resolver definitivamente alguns de seus problemas crônicos, como a deprimida situação educacional do País", observa o demógrafo José Alberto Magno de Carvalho, também do Cedeplar. "Um país com população quase estável tem uma chance excepcional de planejar bem seu crescimento."

O retrato da inflação

A Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, é a indústria mais próspera do País nos últimos anos. É lá que são impressas as novas cédulas do Cruzado Novo brasileiro que só este ano deve se desvalorizar 1.643%

O mercado de títulos do governo, que financia a dívida pública, funciona como um ralo que suga os recursos da economia. Todos os dias, o overnight movimentava mais de 27 bilhões de dólares segundo o BC



exportações brasileiras são de café em grão, enquanto 53% são de produtos industrializados. Alguns deles exigem alta tecnologia, como os aviões da Embraer ou os carros e motores das indústrias automobilísticas e de autopeças que já congestionam os portos de Santos e do Rio de Janeiro. No ano passado, um em cada dez dólares obtidos nas exportações foram resultado da venda de automóveis e autopeças.

"Este é um momento crucial", concorda o professor Winston Fritsch, da PUC do Rio de Janeiro. "Passada essa fase de turbulências, o Brasil tem

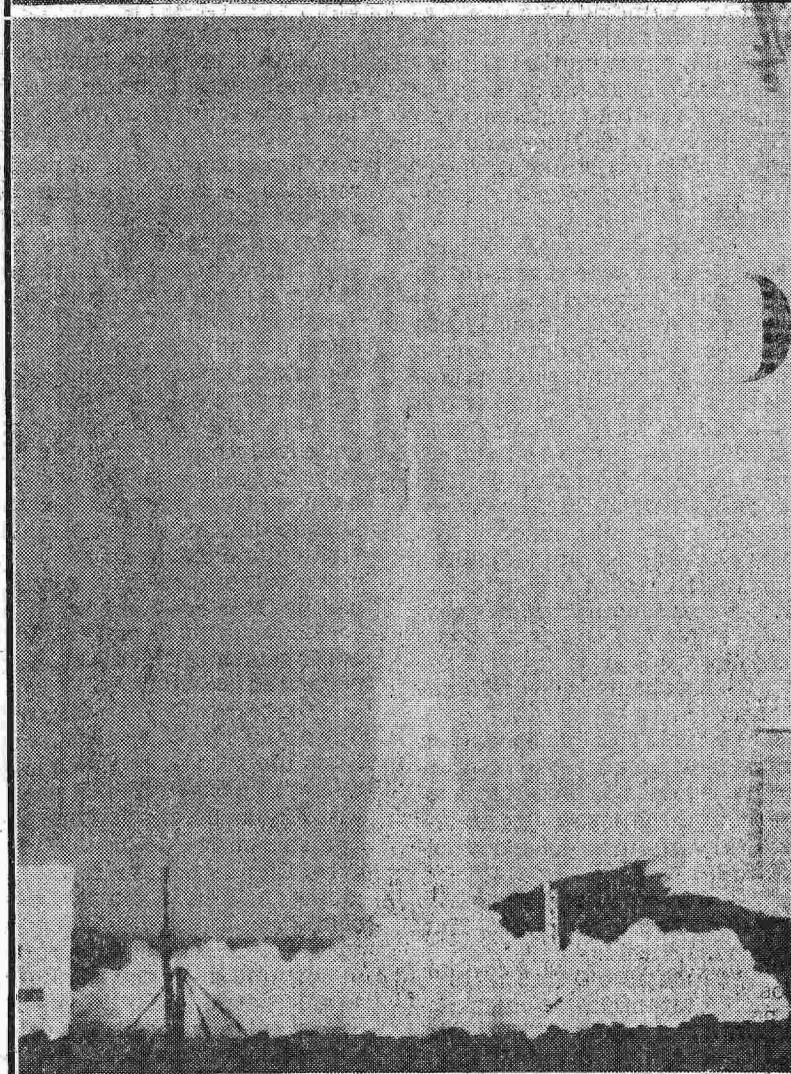
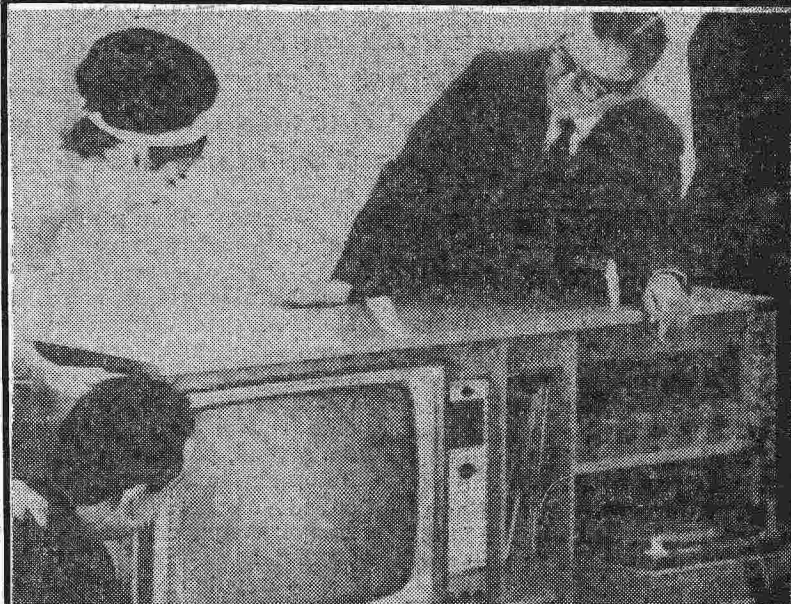
nada pelo cientista Helio Jaguaribe, produziu um extenso estudo sobre a realidade brasileira. O documento, de cinco mil páginas, chamado "Brasil, reforma ou caos", mostra que se o País superar a crise política e fizer os investimentos certos, pode chegar ao ano 2000 com o mesmo patamar de renda e riqueza que hoje tem a Itália, considerada o quinto país mais rico do mundo.

"A curto prazo todos têm bons motivos para ser pessimistas", diz o sociólogo Wanderley Guilherme, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). "O Brasil tem um presidente indeciso, um

Para financiar obras como Itaipu, a maior usina hidrelétrica do mundo, o governo militar assumiu também a maior dívida externa do planeta. São mais de 111 bilhões de dólares, que

dariam hoje para construir 317 aeroportos como o do Galeão, sete hidrelétricas como a própria Itaipu, 720 pontes como a Rio-Niterói ou ainda 55 ferrovias como a Norte-Sul, uma das poucas

grandes obras iniciadas durante o governo Sarney. O País, que se tornou insolvente perante os credores internacionais em 1983, paga hoje 11 bilhões de dólares só de juros



Avanço tecnológico

A chegada da televisão ao Brasil e o lançamento do Brasilsat: o setor de telecomunicações foi um dos que apresentou maior crescimento nos últimos 29 anos. Em 1960, na última eleição presidencial, o Brasil tinha 4,2 milhões de rádios a válvula e começava a se deslumbrar com as imagens transmitidas pela televisão. A apuração da eleição de Jânio demorou três meses para aca-

bar. Hoje, o Brasil dispõe de satélites de telecomunicação próprios — como o Brasilsat — a grande maioria da população tem televisão em casa e as linhas telefônicas já chegam aos confins do território nacional. Graças a esses avanços e aos recursos da informática, os eleitores poderão acompanhar os resultados da apuração de hora em hora, através de flashes das televisões e rádios.

Nas mãos dos credores

Para financiar obras como Itaipu, a maior usina hidrelétrica do mundo, o governo militar assumiu também a maior dívida externa do planeta. São mais de 111 bilhões de dólares, que

dariam hoje para construir 317 aeroportos como o do Galeão, sete hidrelétricas como a própria Itaipu, 720 pontes como a Rio-Niterói ou ainda 55 ferrovias como a Norte-Sul, uma das poucas

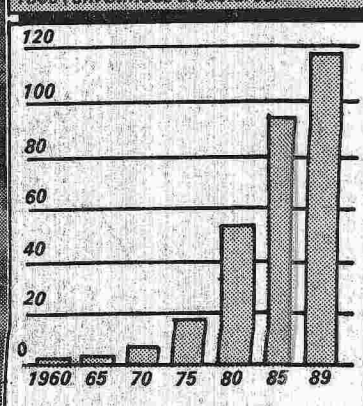
grandes obras iniciadas durante o governo Sarney. O País, que se tornou insolvente perante os credores internacionais em 1983, paga hoje 11 bilhões de dólares só de juros

e se tornou um dos maiores exportadores mundiais de capital. Com o dinheiro do serviço da dívida daria para construir 53 mil escolas para 39 milhões de alunos, erguer cinco milhões

de casas populares, sustentar, com salário mínimo, cerca de 13 milhões de trabalhadores, estender 8.600 km de estradas de ferro ou construir sete Angra II.

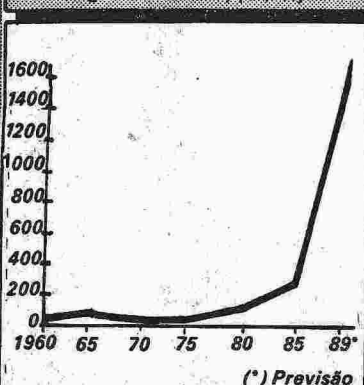
O buraco da dívida

O Brasil que hoje vai às urnas tem uma dívida externa 50 vezes maior que a do País que elegeu Jânio, em 1960 (em bilhões de dólares)



Do Cruzeiro ao Cruzado Novo

A inflação, que era problema sério para Jânio em 1960, bate recordes no final do governo Sarney (em %)



O desafio da pobreza

Os brasileiros que multiplicaram por dez a produção nacional nos últimos 30 anos, estão longe de ser os cidadãos mais ricos do mundo (PIB per capita - em US\$)

